

O PERDÃO DAS TREVAS

NOITE ESCURA. O Setestrelô alto e nem mais um grito de caboré, de mãe-da-lua, de coruja, de qualquer bicho noturno, nem mais um vôo rasteiro de bacurau, ou passar veloz de raposa, que a seca era brava e da garrancheira morta das catingas toda a vida tinha desertado. Noite escura e no negrume longínquo do céu os pingos de luz silenciosos das estrelas. O silêncio, esse era de amedrontar, profundo, imenso como a escuridão da própria noite. Muito raramente, uma cobra cascavel silvava, faminta, nas trevas. O chão era tão seco, os galhos mortos e as folhas caídas estavam reduzidas a pó tão fino que os passos do João Bruzundanga pareciam sem rumor, de algodão, misteriosamente fofos como o vôo dos curiangos.

Ele ia lentamente pelo caminho largo que o seu instinto de sertanejo adivinhava, descendo a lombada dum contraforte da Serra da Joantina, no fundo dos ásperos sertões cearenses que a crise climática tornava quase intransponíveis. Embora acostumados àquela dura vida, o silêncio, a solidão negra da noite o apavoravam. Tinha ímpetos de parar, erguer os braços para a amplidão impassível e gritar, gritar, gritar, até cair esfalfado ali mesmo, ou de desandar a correr, a correr, até rolar na poeira, exausto! Para dominar a emoção invasora, levantava os olhos para os luzeiros celestes e contava-os, um a um, dando-lhes os nomes sertanejos:

— O Cruzeiro, o Carreiro de Santiago, as Três Marias, o Rabo de Tatu, o Carro de Bois. . .

E, de repente:

— “Cadê” a Papaceia?

Percorreu com a vista o espaço constelado e murmurou:

— Ela só aparece ao cair da noite, quando os meninos vão comer mingau. Nem me lembrava. . . E, “dizque”, quando eles não chegam depressa, a estrela come o mingau “todinho”. . . “Busões”! . . .

Outros pensamentos o assaltaram. Vinha de longe, duma povoação triste e paupérrima da fronteira do Piauí, onde a seca era tão ruim, senão pior que no Ceará. Deixara a mulher e o filho recém-nascido, sem vê-los pela última vez, na sua casinha de trás da igreja, e fugira com gente no encalço, que somente perdera sua pista na noite anterior. Mal tivera tempo de prover-se, numa venda, de meia tira de carne seca e uma garrafa de cachaça.

Veio-lhe, novamente despertada, a sede horrível. Desde a véspera, não bebia uma gota de água. A derradeira, sorvera-a, de bruços, na lama duma cacimba abandonada, dali a oito léguas. De dia, escondia-se nas garrancheiras, ou nos pedregais; de noite, pela escuridão, caminhava. Somente assim evitaria que dessem com ele os que o vinham seguindo desde o Piauí.

Bebeu um trago, o derradeiro, na boca da garrafa. Um ardor queimou-lhe demoradamente as mucosas. Lançou-a ao longe, a esmo. Ela cortou o ar, bateu numa pedra, ou num tronco, e quebrou-se, retinindo.

Para que tomar cachaça naquela abertura? Era bem uma “abrideira”, como diziam. Deu-lhe uma fome! Havia quantas horas já mastigara cru o último pedaço de carne seca? E nenhuma esperança de consolo naquele deserto hostil, nenhuma! Estava todo ele, na mesma petição de miséria, o sertão cearense, calcinado pelo sol: garranchos a perder de vista, subindo, descendo, tornando a subir e a descer as ondulações do terreno; nem uma folha verde; todas as fazendas e casebres ao abandono; ossadas de reses por todos os lados e ninguém, ninguém, ninguém! Quer horror!

De novo, seus olhos procuraram a face negra do céu, recamada de jóias, e a sua voz gemeu:

— O Setestrelô... o Carro de Bois... o Rabo de Tatu... o Cruzeiro... as Três Marias... o Carreiro de Santiago... Ah! a Papaceia fugiu... fugiu como eu...

E sorriu, dolorosamente. Fugira, sim, após uma luta de faca, deixando estendidos e “com Deus”, à porta do Mercado, dois homens!

Luzinha trêmula, coada através dos garranchos, lhe feriu as pupilas alertas. Com efeito, lá do seio da catinga morta vinha um lume tênue. Que bom! Pulou-lhe no peito o coração, “que nem cabrito às primeiras chuvas”, cuidou ele. Ia talvez achar quem lhe desse um pouco d’água, uma mancheia de farinha, ia ver gente... Ver gente! Farejou, tateou a borda do caminho. As mãos sentiram uma pedra; depois, arranharam-se em espinhos. Adiante, um silvo de cascavel na tocaia chegou-lhe aos apurados ouvidos.

— Que diabo! O que é ruim não se acaba! Não há seca que mate cardeiro nem cobra de chocalho!

Adivinhou uma vereda e seguiu por ela, mais lentamente, rumo da luz entrevista. Outros pensamentos lhe vieram e entre eles a rememoração exata do crime. Pequeno insulto do Manduca, filho do boticário Anacleto dos Passos, numa festa, deixara-lhe o rasto do diabo na alma, tão fundo como se ela fosse ainda mais mole do que massapê no inverno. Andara a esporear-se a si mesmo com a idéia da vingança, como ema, quando corre e se espeta com o aguilhão das asas. Meses e meses não pensara noutra coisa. Nem uma só vez levava suas idéias para o lado da família e de Deus. Então, deste se afastara de todo. Nem sabia mais da conta do tempo em que se não confessava; nem também do em que não ia à missa. Pensava em alcançar o Juazeiro do Santo Padre Cícero, que lhe não recusaria a bênção, purificadora, como nunca a recusara a nenhum dos criminosos acoitados à sombra do seu prestígio.

Em que dia estava? E refletiu: vira o Maneco dirigir-se ao mercado, o demônio o tentara (também para que lhe dera o Antônio Socó aquela faca enterçada, que furava um vintém de lado a lado e dava ganas de ser experimentada no couro dum cristão?!), atravessara-se-lhe à frente e esbofeteara-o. O outro era homem e reagira. Brilharam facas fora da bainha, logo! O Belisário, irmão mais moço do Manduca, correria da botica, em defesa do mano, com uma garucha de dois canos. Errara ambos os tiros a queima-roupa. Ele, Bruzundanga, era “curado” de bala, tinha o “corpo fechado”! Quem era capaz de duvidar, depois disso? Tornara-se uma fera na luta. Estendera os dois irmãos esfaqueados, na calçada! Fora no dia vinte e dois, ao meio-dia. Havia dois dias e duas noites que fugia. Estava, portanto, a vinte e quatro de dezembro, véspera de Natal.

Seu olhar procurou no manto de veludo preto do firmamento as Três Marias. Elas brilhavam desusadamente, mais altas, mais distantes. Ele pensou que, no sertão, as chamavam também os Três Reis Magos e que, certamente, iam em busca do Deus Menino, para adorá-lo.

Seus pés pisaram um terreiro limpo de casa. A luz que avistara filtrava-se dentre as palhas entretecidas duma cabana. Chegou-se à mesma. A porta de taliscas de buriti estava encostada. Abriu-a e penetrou no copiar. Ao chão, uma velhinha magra e esfarrapada, morta de inanição. Abaixou-se, pegou-lhe as mãos geladas, mas ainda sem rigidez. Não devia haver muito tempo que exalara o último suspiro.

Em frente dela, sobre uma mesinha tosca, ardia, ao pé do Pequeno Jesus no berço, rodeado por Nossa Senhora, São José, o Burro e o Boi, de pau, muito velhos e sem pintura, um toco de vela de sebo. Acendê-lo fora a derradeira ação daquela anciã, morta das agruras da seca naquele deserto!

Bruzundanga ficou em silêncio algum tempo, perdido no emaranhado cipoal de seus pensamentos. A luz bruxuleou e morreu a um sopro mais forte do aracati que chegava. A cabana ficou tão escura quanto a noite, lá fora. Insensivelmente, ele ajoelhou nas trevas densas, voltado para as imagens que não via mais, fez o sinal da cruz, deixou pender a cabeça sobre o largo peito e exclamou:

— Pela santa noite de hoje, meu Deus, perdoai-me a morte dos filhos do boticário!... Eu me arrependo tanto do que fiz!

E sentiu naquela escuridão silenciosa como que um grande alívio, como se Nosso Senhor o tivesse escutado e suas pequeninas mãos suaves pousassem devagar, muito devagar, sobre a sua pobre cabeça, que a febre começava a escaldar...